

O QUE É A FUNÇÃO DA FALA? PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SONS OU UM MEIO DE *OBSCHENIE*¹?

WHAT IS THE FUNCTION OF SPEECH? A PROCESS OF
SOUND PRODUCTION OR A MEANS OF COMMUNICATION?
¿QUÉ ES LA FUNCIÓN DEL HABLA? ¿PROCESO DE
PRODUCCIÓN DE SONIDOS O UN MEDIO DE *OBSCHENIE*?

G. A. Michina²

Resumo: No presente artigo, examina-se, brevemente, a função da fala, tomando por fundamento a perspectiva histórico-cultural de L. S. Vigotski. Para esse exame, primeiramente, admite-se a fala como uma atividade. Em seguida, com base nas etapas percorridas nas investigações realizadas pela autora, argumenta-se que a fala desempenha papel central no desenvolvimento das funções psíquicas superiores, isto é, ela é tratada como um mecanismo de desenvolvimento dessas funções. Finalmente, é tecida a conclusão de que a fala possui três funções básicas, a saber, a fisiológica, a de meio de comunicação e a de meio psicológico.

Palavras-chave: Perspectiva histórico-cultural. Funções psíquicas superiores. Fala.

Abstract: In the present article, the function of speech is briefly examined, taking as its basis the historical-cultural perspective of L. S. Vygotsky. For this examination, speech is first admitted as an activity. Then, based on the steps taken in the investigations carried out by the author, it is argued that speech plays a central role in the development of higher psychic functions, that is, it is treated as a mechanism for the development of these functions. Finally, the conclusion is drawn that speech has three basic functions, namely, the physiological, as a means of communication and as a psychological means.

Key words: Historical-cultural Perspective. Higher psychic functions. Speaks.

Resumen: En el presente artículo, se examina brevemente la función del habla, tomando como base la perspectiva histórico-cultural de L. S. Vigotski. Para ese examen, primero, se admite el habla como una actividad. A continuación, con base en las etapas recorridas en las investigaciones realizadas por la autora, se argumenta que el habla desempeña un papel central en el desarrollo de las funciones psíquicas superiores, es decir, es tratada como un mecanismo de desarrollo de esas funciones. Por fin, se teje la conclusión de que en el habla tiene tres funciones básicas, a saber, la fisiológica, la del medio de comunicación y la del medio psicológico.

Palabras clave: Perspectiva histórico-cultural. Funciones psíquicas superiores. Discurso.

¹ A palavra russa *obschenie* é traduzida pelo Dicionário russo-português (1989) como *relações de contato, trato, contato pessoal*. Porém, no escopo da teoria histórico-cultural, esse conceito adquire uma importância muito grande, pois significa muito mais do que uma simples relação de contato. A etimologia da palavra russa nos possibilita, inclusive, levantar hipóteses de que as palavras que melhor traduzem esse conceito para o português seriam “cumplicidade”, “comum união ou comunhão” ou “amálgama”. A decisão de usar a palavra russa transliterada se justifica pela compreensão que temos da teoria histórico-cultural de L. S. Vigotski e porque *obschenie* não pode ser traduzida pela palavra “comunicação”, como está na maioria das traduções em português publicadas no Brasil. Em função da dificuldade de encontrarmos a palavra em português que traduza o significado de *obschenie* como a concebe Vigotski, preferimos apresentá-la transliterada (em letras latinas, mas como soa em russo) com o intuito de não deturpar ainda mais as ideias do autor.

² Doutora em Psicologia. Professora da Universidade Russa de Humanidades, Moscou, Rússia. E-mail: galathera@mail.ru.

O presente artigo é dedicado à análise do conceito de fala ([rɛtʃ]). De acordo com a teoria histórico-cultural de L. Vigotski, nosso desenvolvimento, nossas funções psíquicas superiores (FPS) dependem da fala. Nosso comportamento (de acordo também com ele) se altera sob a influência da fala. Atualmente, quando seus trabalhos estão sendo traduzidos para muitas línguas, praticamente todo pesquisador conhece esse conceito. No entanto, a questão é como essa palavra - *fala* - é compreendida.

A análise da literatura soviética e russa mostrou que, hoje, não existe uma única definição do conceito de fala. Em alguns trabalhos (G. V. Kolchanski, R. O. Iakobson, S. V. Kodzasov, entre outros), fala é sinônimo de “língua” e, em outros, é analisada como parte da língua. Além disso, subentende-se a língua como uma ferramenta (meio) de *obschenie* e a fala seria um tipo de *obschenie* produzido por essa ferramenta. Em outros trabalhos, ao contrário, “a fala contém a língua como um de seus aspectos” (A. A. Vetrov). Não há unanimidade entre psicólogos. A fala é compreendida tanto como meio de *obschenie* (M. I. Lissina), quanto como uma atividade autônoma (A. A. Leontiev), como um processo psicológico de formulação e transmissão do pensamento por meio da língua (A. R. Luria) ou como “atividade de *obschenie* - expressão, influência, comunicação - por meio da língua” (S. L. Rubinstein). Nos trabalhos das últimas décadas, dedicados à ontogênese da fala, uma série de autores indica uma relação mútua íntima entre fala e língua, demarcando processos, funções e mecanismos como se fossem *falalíngua* (T. N. Uchakova).

Para melhor compreensão dos processos psíquicos que ocorrem na ontogênese, seguindo L. S. Vigotski, vamos

nos voltar para os casos de desvios no desenvolvimento. Na fonoaudiologia russa, a abordagem psicolinguística é a única que analisa a fala exatamente como uma atividade (fala como atividade ou atividade da fala). Todos os autores, ao descreverem ou estudarem o período da primeira infância ou da idade pré-escolar, destacam os desvios como se fossem da fala - “atraso do desenvolvimento da fala, ausência da fala, distúrbios da fala, desvios no desenvolvimento da fala”, etc. e, frequentemente, o conteúdo do trabalho de correção proposto relaciona-se à formação da competência linguística (categorias léxico-gramaticais, estrutura silábica, etc.) e pronúncia de sons.

Dessa forma, atualmente, os pesquisadores russos, quando se referem à palavra fala, subentendem precisamente uma atividade. Nos casos em que se utiliza exatamente esse termo, a maioria dos autores analisa não apenas o conteúdo deste conceito, mas sua funcionalidade na vida da pessoa, seus tipos e formas, como também condições que influem no seu desenvolvimento.

Neste texto, o conteúdo do conceito fala será analisado do ponto de vista da teoria histórico-cultural.

Ao falar das funções psíquicas (e, mais amplamente, das linhas do desenvolvimento), L. S. Vigotski dividiu-as em naturais (elementares) e culturais (superiores). As primeiras têm relação com os processos psíquicos que se caracterizam pela ligação temporária que se estabelece graças à coincidência de dois estímulos que influenciam o organismo ao mesmo tempo, ou seja, que se realizam sem a mediação por signos. As segundas relacionam-se com processos psíquicos para os quais é característica uma ligação temporária criada

pela pessoa com auxílio de uma combinação artificial de estímulos e, em primeiro lugar, da palavra.

Muitos cientistas não compartilhavam desse ponto de vista e consideravam o destaque para as funções naturais uma fuga do plano social para o naturalismo e, por isso, criticavam L. S. Vigotski. Como argumento para esse destaque, L. S. Vigotski apresentava exemplos de disontogênese: “(...) o distúrbio de funções psíquicas superiores (...), em primeiro lugar, aniquila a ligação entre as funções simbólicas e naturais o que, conseqüentemente, leva à eliminação de uma série de processos naturais, que começam a funcionar de acordo com leis primitivas ou estruturas psicológicas menos independentes (...)” (VIGOTSKI, 1983, p.59).

As funções psíquicas culturais se diferem das inatas e naturais pelo fato de a pessoa poder controlá-las conscientemente. O pensamento verbal, a memória lógica, a formação de conceitos, a atenção voluntária, a vontade, entre outras, são essas funções. A principal condição para surgimento, desenvolvimento e transformação das funções psíquicas é o meio social, a cultura. As funções psíquicas superiores se desenvolvem apenas no processo de atividade, sob a influência de pessoas. Tanto Vigotski quanto Piaget apontavam para o fato de que, na etapa inicial, as funções psíquicas configuram-se como processos externos que, paulatinamente, se transformam em internos. A função psíquica superior manifesta-se como passagem do comportamento social para o individual por meio da interiorização das formas sociais externas de comportamento. Disso decorrem os estágios destacados do desenvolvimento das FPS: inicialmente, como externas (interpsíquicas), posteriormente, como internas (intrapsíquicas), ou seja, “do caráter

desdobrado por meio da criação de meios externos de apoio no processo de atividade para “habilidades mentais” internas (LURIA). Esse processo não é apenas de mudanças quantitativas, mas, em primeiro lugar, de mudanças qualitativas (que se tornam mais generalizadas, mais sintéticas).

Até os dias de hoje, todos os pesquisadores destacam os seguintes traços que são próprios das funções psíquicas: complexidade, sociabilidade, sistematicidade, espontaneidade e mediação (D. B. Elkonin, A. V. Zaporozhets, A. R. Luria, entre outros). No entanto, tal situação não é de todo aceitável: sem dúvida, a fala é complexa por sua estrutura; seu desenvolvimento ocorre na relação social, ela é voluntária, porém, se as demais funções psíquicas superiores são mediadas pela fala, então como é mediada a fala como função psíquica superior? Essa foi a questão que deu início à nossa investigação teórico-empírica.

Na primeira etapa, ao sistematizar o material teórico e experimental existente que trata do problema das funções psíquicas superiores, pode-se indubitavelmente dizer que à fala pertence o papel central no processo acima mencionado. Ao mesmo tempo, os dados dos quais dispomos permitem apresentar questões sobre o que ocorre nessa direção em etapas precoces (no primeiro e segundo ano de vida, ou seja, no período pré-fala), o que exatamente (quais características) faz da fala um mecanismo de desenvolvimento das FPS, em comparação com os demais meios-instrumentos, como é a gênese dessa função, se é possível destacar o que antecedeu esse processo, se é possível que algo mais (além da palavra) exerça o papel de tal meio. De acordo com isso, tentamos compreender o conceito “meio” (*tool ou meaning*) e, mais precisamente, “meio psicológico” (*psychological mediator*).

Ao resumir os resultados obtidos, destacaremos essas características.

Partindo do significado semântico do conceito de meio (“o que serve a algum objetivo, é necessário para atingir ou realizar algo”), então, é possível perceber sua função auxiliar, ou seja, o meio está sempre “entre” e também faz parte da ação relacional, o que pressupõe um ponto final do movimento, um objetivo.

Outra especificidade (aspecto) do meio psicológico é que ele é *parcialmente consciente e funde-se com o sujeito, na ação*. O importante é, exatamente, essa consciência parcial, pois, do contrário, teríamos que lidar não com ações, mas com reflexos e movimentos fisiológicos. No entanto, quando se inicia a consciência do meio, ele se transforma em objeto de atenção do sujeito.

O meio psicológico (diferentemente do meio-instrumento) ocupa um lugar especial na estrutura da ação - *ele existe apenas como componente da maneira de ação, está direcionado não apenas para o interior, para si, mas também se inclui na função psíquica*. É precisamente nisso que se encontra a diferença radical entre meio psicológico (psychological mediator) e meio-instrumento (tool or meaning).

Outra especificidade de diferenciação do meio psicológico é a estrutural. Ao tomarmos o signo ou, mais precisamente, a palavra, como um dos principais meios psicológicos, é possível dizer que o sentido e o significado (características próprias da palavra) são as duas partes que compõem a essência do “meio psicológico”. Perguntamos: o que, na estrutura da palavra, pode ser considerado como a parte principal: o sentido ou o significado? Para responder a essa pergunta, vamos analisar os casos em que é possível dizer que a palavra, apesar de

possuir um significado, não possui um sentido (no caso de patologia, por exemplo, de retardo mental, os denominados vícios de fala). Ao mesmo tempo, por possuir um sentido, a palavra não é compreendida por outras pessoas (por causa da ausência do significado de utilização comum), ou seja, não tem significado (o exemplo é a fala autônoma). Porém, vale a pena prestar atenção a um detalhe: no último caso, a palavra não tem significado para as pessoas adultas desconhecidas, porém, no contexto situacional, os adultos próximos da criança compreendem o que ela quis dizer. A nosso ver, podemos afirmar que a criança, inicialmente, domina o sentido da palavra, pois ainda não conhece os meios linguísticos que permitem transmitir o sentido por meio da “sonoridade compreensível ao adulto”. O sentido, acreditamos, é a parte fundamental da palavra. Aí encontra-se a diferença radical entre o meio psicológico e o instrumento-meio.

Outra diferença específica é a inclusão em outras relações da existência - sujeito-subjetividade. Em todos os trabalhos (tanto filosóficos quanto psicológicos), a subjetividade é destacada como a principal categoria da personalidade e a atividade, como seu aspecto central. Partindo disso, realçamos a iniciativa como um aspecto do meio psicológico.

Assim, os instrumentos-meios e os meios psicológicos se unem na subordinação e na consciência parcial. As diferenças singulares desses meios psicológicos são a participação da ação, a peculiaridade estrutural (a parte semântica como dominante), a existência de relações sujeito-subjetividades, atividade (iniciativa) como uma característica necessária. Pode-se falar sobre a existência de uma série de meios psicológicos para os quais a função principal

consiste no fato de que eles permitem à pessoa dominar a situação, submetê-la ao controle de sua consciência. Partindo desse entendimento, a fala pode ser relacionada exatamente aos meios psicológicos com o auxílio dos quais a pessoa, inicialmente, muda seu comportamento e, depois, aprende a dominar seus processos psíquicos.

Na segunda etapa, partindo do entendimento de que a capacidade para a autorregulação surge graças à fala interna (A. R. Luria, 1956), foram destacadas suas características essenciais:

- ela é predicativa, pois inclui componentes de modo (expressão do estado do tipo “quero”) e uma característica temporária (“antes” e “mais tarde”);
- possui uma especificidade estrutural (expansão semântica; prevalência do sentido sobre o significado; o sentido transforma, na fala interna, o significado da fala externa, aglutinação de unidades semânticas e reducionismo da fonética);
- presença do diálogo (diálogo entre a fala interna e externa, inclusive, diálogo de sujeitos radicalmente diferentes (socialmente e individualmente);
- iniciativa;

Isso permitiu acompanhar a relação, primeiramente, entre o conceito “meio psicológico” e fala e, em segundo lugar, entre a fala interna e egocêntrica. Entretanto, foi-se adiante e estabeleceu-se a relação desses tipos de fala com a fala autônoma.

Na terceira etapa, foi realizado um estudo empírico da produção vocal de crianças com um e dois anos de vida (para maiores detalhes ver G. A. Michina, 2012), que mostrou que as fontes da função

reguladora da fala (ou da fala como um meio psicológico) estão nos primeiros seis meses de vida e guardam relação, inicialmente, com o saber controlar o comportamento do adulto. Agora, a capacidade da criança de submeter suas ações ao adulto (sobre o que nos diz A. R. Luria) deve ser analisada como uma segunda etapa no processo de desenvolvimento do controle de seu próprio comportamento.

Em síntese:

A investigação teórica e empírica realizada por nós permitiu tecer uma série de conclusões:

1) A fala é o meio psicológico fundamental com o auxílio do qual ocorre a transformação do psiquismo natural para o cultural (superior). Por isso, relacionamos o conteúdo do conceito “fala como meio psicológico” com a iniciativa de utilização da palavra pela criança (de qualquer meio pré-verbal semelhante como o gesto, a vocalização) na situação de *obschenie* em que a palavra ou o meio pré-verbal é utilizado para controle do comportamento do adulto e, posteriormente, do próprio.

2) A fala como meio psicológico é essencialmente: enraizada na função psíquica; parcialmente consciente; predicativa; especificamente estrutural (predominância do sentido sobre o significado); dialógica; ativa.

3) Verificou-se que, desde os primeiros dias de vida do bebê, o desenvolvimento da fala, sendo um processo complexo, inclui três linhas:

- a) a fisiológica;
- b) a de que a fala é um meio de comunicação;
- c) a de que a fala é um meio psicológico.

Como mostraram nossas pesquisas, a linha fisiológica (as vocalizações que são

observadas em todas as crianças até seis meses, incluindo as cegas) é condição necessária para o desenvolvimento da segunda linha que está ligada à função comunicativa. Esses processos emergem, consecutivamente, com o surgimento de meios mais complexos pré-verbais e, posteriormente, verbais: desde o balbúcio até a pronúncia de segmentos de sílabas que mudam de sonoridade, a cadeias de balbúcios, pseudo-palavras e suas correntes, pseudo-sintagmas até holofrases, frases com duas palavras, etc., até a palavra com sentido. A terceira linha guarda relação com as possibilidades de controle do comportamento da pessoa (adulto) com o auxílio de meios pré-verbais e verbais acessíveis em cada etapa, com a transformação da situação visual em direção ao resultado desejado, com a tomada de consciência de si e dos próprios desejos (consciência primária) e, por fim, o controle de si e do próprio comportamento.

4) As crianças em que a fala não se apresenta como meio de transformação das funções psíquicas naturais em funções psíquicas superiores, ou seja, em que a fala não se formou como um meio psicológico, possuem características específicas de desenvolvimento pessoal, necessitando de atenção especial por parte de especialistas que estudam o desenvolvimento psíquico geral e a fala inicial das crianças.

5) A fala como meio psicológico é o elo entre a esfera afetiva e intelectual que garante “a unidade dinâmica afeto e intelecto”.

Referências

ELKONIN, D. B. **Izbrannie psirhologuitcheskie trudi**. Moskva: Pedagoguika, 1989.

IAKOBSON, R. O. **Izbrannie raboti**. Moskva: 1985.

KODZASSOV, S. V.; KRIVNOVA, O. F. **Obschaia fonetika**. Moskva: 2001.

LEONTIEV, A. A. **Iazik i retchevaia deatelnost v obschei i pedagoguitcheskoi psirhologii**. Voronej: 2001.

LURIA, A. R. **O reguliruiuschei roli retchi v formirovanii proizvolnirk dvijeni**. JVND, 1956, T. 11, pp. 545-662.

MICHINA, G. A. **Stanovlenie retchi kak psirhologuitcheskogo sredstava**. Avtoreferat. Dis. D-ra nauk. Moskva: 2012.

RUBINSTEIN, S. L. **Osnovi obschei psirhologii**. Sankt-Peterburg: SPb Piter, 1999.

UCHKOVA, T. N. Uzlovie problemi retcheiazikovogo razvitia rebionka. In: UCHAKOVA, T. N. **Retch rebionka: problemi i rechenia**. Moskva: Izd-vo IPRAN, 2008, pp. 13-39.

VETROV, A. A. **Semiotika i ieio problemi** [mimemo]. Moskva, 1968.

VIGOTSKI, L. S. Istoria razvitia vischirh psirhitcheskikh funktsi. In: VIGOTSKI, L. S. **Sobranie sotchineni v 6 tomakh**. Moskva: Pedagoguika, 1983, T. 3, pp. 5-328.

VOINOVA, N.; STARETS, S.; VERKHUCHA, V.; ZDITOVETSKI, A. Dicionário russo-portugues. Moscovo: Edições Russki Yazik, 1989.

ZAPOROJETS, A. V. **Izbrannie psirhologuitcheskie trudi**. T. 2. Moskva: Pedagoguika, 1986.

Recebido em 30 de outubro de 2018

Aprovado em 11 de janeiro de 2019